

**SOBRE O LUGAR DOS DEMONSTRATIVOS
NA ARQUITECTURA SEMÂNTICA DO SINTAGMA NOMINAL
(2.^a versão, revista)**

Telmo Mória

1. Introdução

O objectivo do presente texto é fazer uma primeira abordagem – esquemática e relativamente superficial – do papel desempenhado pelos demonstrativos na arquitectura semântica do Sintagma Nominal¹. Assim, a análise incide quase exclusivamente sobre o papel dos **demonstrativos enquanto operadores semânticos nominais** (conceito que em Peres 1992 abrange três subclasses de operadores: os de quantificação, os de modificação e os de pluralização). Começarei por analisar a relação dos demonstrativos com as operações de **quantificação** e **modificação**, desenvolvendo ideias de Peres (1987b), em particular a tese de que os demonstrativos devem ser analisados como operadores de modificação nominal. Seguidamente, observarei alguns contextos especiais em que parece ser defensável uma análise dos demonstrativos como **apostos**. Convém salientar que, neste texto, serão essencialmente tidas em conta ocorrências de demonstrativos com valor dêictico, embora a argumentação apresentada pareça poder ser aplicada, *mutatis mutandis*, à generalidade das ocorrências de demonstrativos anafóricos. Em particular, procurarei salientar a adequação da tese de Peres (1987b) acima referida – formulada no âmbito das relações anafóricas – ao comportamento dos demonstrativos em contextos que envolvem dependências referenciais dêicticas.

2. Demonstrativos como operadores de modificação nominal

Como referi, defenderei aqui a tese, avançada em Peres (1987b: 336) e reiterada em Peres (1992: 10), de que os demonstrativos são **operadores de modificação nominal**. Esta tese resulta da análise de frases como as seguintes, no primeiro texto referido:

- (1) Have you seen the man that bought a car?
- (2) No, I haven't seen that one.

Verificando que a expressão *one* da frase (2) se relaciona anaforicamente com o nome comum (não-relativizado) *man* da frase (1), o autor conclui que “é o demonstrativo [*that*] que está em relação anafórica com a oração relativa [*that bought a car*], comportando-se como um verdadeiro modificador” (Peres 1987b: 336).

Antes de desenvolver a questão da função modificadora dos demonstrativos, importa observar a relação destas expressões com a operação semântica de **quantificação**.

¹ Dado que não se pretende apresentar uma visão geral integrada da semântica dos demonstrativos, algumas questões fundamentais para a análise destas expressões – em particular, o tratamento formal da dêixis – serão ignoradas ou relativamente marginalizadas.

2.1. Quantificação em sintagmas com demonstrativos

Na discussão do papel semântico desempenhado pelos demonstrativos, há que ter em conta, para além do valor de modificação nominal que – na hipótese mencionada – estas expressões veiculam, o facto de a sua ocorrência num enunciado estar geralmente associada a um valor semântico de **quantificação (universal definida)**, equivalente ao que é veiculado pelos artigos definidos². A análise mais simples deste facto – e a que melhor se conforma, aliás, ao Princípio da Composicionalidade – parece ser a de que, nas estruturas relevantes, o valor de quantificação não é expresso directamente pelo demonstrativo, mas por um **quantificador definido nulo**. Por outras palavras, considera-se, por um lado, a existência simultânea de um quantificador definido e de um demonstrativo e, por outro, a impossibilidade de coocorrência explícita de ambos os operadores (em certas línguas), resultante na não realização expressa do primeiro. Esta análise é sugerida em Peres (1987b):

“(...) tais modificadores anafóricos [os demonstrativos] seriam, em algumas línguas como o Português e o Inglês, incompatíveis com SN's com determinante expresso, mas já noutras, como o Castelhana, o Romeno e o Grego (...) admitiriam concorrência com o determinante expresso (...)” (*ibid.*: 336).

Note-se que a análise em causa se assemelha, no que respeita à postulação de um quantificador definido nulo, à que por vezes se adopta, em línguas como o inglês, para a interpretação de SNs com nomes próprios. Tais idiosincrasias sintácticas – relativas à (im)possibilidade de realização expressa deste tipo de quantificadores – são facilmente elimináveis em sistemas de interpretação que, à semelhança do que é adoptado por Montague no PTQ, por exemplo, integrem um sistema de tradução de expressões da língua natural para uma linguagem lógica.

Existem diversos **argumentos a favor da tese de que os demonstrativos não incorporam um valor de quantificação**. Apresentarei em seguida três deles, o primeiro dos quais (invocado Peres 1987b) envolve a distribuição dos demonstrativos noutras línguas.

I — Em línguas como o castelhano, por exemplo, é possível a coocorrência de demonstrativos e artigos definidos (expressos), em determinados contextos. Tal facto demonstra a possibilidade de veicular o valor de quantificação definida de forma autónoma (numa língua extremamente próxima do português, aliás). Vejam-se alguns exemplos:

- (3) a. Dame el libro ese!
- b. Me lo dijo el muchacho aquél con que yo hablé.
- c. Aun me acuerdo del día aquél en que la conocí.

A este propósito, é curioso notar que podemos encontrar estruturas semelhantes a estas em pelo menos certas regiões do sul de Portugal, designadamente em registos coloquiais, em frases exclamativas do tipo das que se seguem:

- (4) a. O livro este que nunca mais acaba!
- b. E o tempo este que não melhora!

² Oliveira (1988: 15), por exemplo, refere que “(...) durante muito tempo se considerou que os demonstrativos eram interpretáveis como um artigo definido acompanhado de uma indicação dítica (cf. Frege e Russell)”.

II — Os demonstrativos (neste caso, exclusivamente de tipo anafórico) podem ocorrer em posição pós-nominal, em construções como as que a seguir se exemplificam³:

- (5) a. O Paulo acabou de escrever um artigo sobre programas para processamento de texto, artigo/texto esse que vai ser publicado numa revista de computadores.
- b. O Paulo foi informado de que a reunião de accionistas da empresa tinha sido adiada para a semana seguinte, situação essa que lhe veio permitir analisar com maior detalhe alguns dos assuntos em agenda.

A posição pós-nominal é, como se sabe, característica dos modificadores do português, nela não ocorrendo, em princípio, operadores de quantificação.

III — Quando os demonstrativos ocorrem com operadores de quantificação definida do tipo de *os n* (em que *n* representa um numeral cardinal), a parte com a forma *os* é omitida, mas a parte com a forma de cardinal permanece expressa.

- (6) a. Estes cinco livros são interessantes.
- b. Os cinco livros que estão aqui são interessantes.

Este comportamento dos demonstrativos pode ser tomado como um argumento a favor da tese em discussão, se assumirmos a análise da expressão *os n* como um operador de quantificação uno, proposta em Peres (1987a: 32ss.). Com efeito, se considerarmos que o demonstrativo incorpora um valor de quantificação, teremos de assumir que em estruturas como (6a) há dois operadores de quantificação – um associado ao demonstrativo, outro associado ao numeral cardinal. Esta separação dos dois valores de quantificação (universal definida e cardinal) contrasta nitidamente com a sua aglutinação em expressões de tipo *os n*, implicando um tratamento não uniforme de estruturas muito próximas semanticamente: [*os n N' MOD*] vs. [*estes n N'*]. Em contraste, se considerarmos que os demonstrativos não incorporam um valor de quantificação, podemos facilmente assumir que na frase (6a) temos o mesmo operador de quantificação (uno) que em (6b), embora com uma forma superficial distinta (*cinco* em vez de *os cinco*).

Atente-se ainda no exemplo que se segue, que favorece igualmente a hipótese em questão, evidenciando o carácter estritamente sintáctico da obrigatoriedade da omissão do artigo definido (ou melhor, da forma *os* que integra o quantificador *os n*) nos contextos apresentados:

- (7) Estes livros são os cinco interessantes.

Nesta frase, estão presentes tanto o demonstrativo como a expressão *os*, mostrando mais uma vez (como (3)-(4), acima) que o valor de quantificação universal definida pode ser veiculado de forma autónoma, independente do demonstrativo.

Finalmente, registre-se, como curiosidade, que os demonstrativos podem ocorrer com diversas outras expressões de quantificação que na sua ausência seriam precedidas pela forma *os*: *mais de n*, *cerca de n*, *quase n*, *vários*, *muitos*, *poucos* ou ainda expressões de quantificação de tipo adjectival, como *numerosos*, *diversos*, *inúmeros*, etc.

³ O que caracteriza estas construções é o facto de o demonstrativo se aplicar a uma estrutura nominal que (i) se encontra em posição de aposto, (ii) integra uma oração relativa e (iii) integra um nome ligado a uma estrutura antecedente (nominal, em (8), frásica, em (9)).

- (8) a. os mais de cinquenta mil livros (que a biblioteca possui)
- b. estes mais de cinquenta mil livros
- (9) a. os cerca de vinte livros (que estão em cima da mesa)
- b. estes cerca de vinte livros
- (10) a. os vários livros (que a Ana leu para fazer o trabalho)
- b. estes vários livros

Verifica-se, aliás, que as expressões de quantificação que coocorrem com a forma *os* parecem ser as únicas com que os demonstrativos são compatíveis. Veja-se:

- (16) a. *os alguns livros
- b. *estes alguns livros
- (17) a. *os dois terços dos livros
- b. *estes dois terços dos livros

A incompatibilidade expressa nestes exemplos decorre naturalmente do facto – referido inicialmente – de os demonstrativos estarem sempre associados a um valor de quantificação universal definida (independentemente de se considerar ou não que são os próprios demonstrativos que veiculam esse valor directamente).

2.2. Modificação através de demonstrativos

Assumida uma posição acerca da relação entre os demonstrativos e o valor de quantificação universal definida que caracteriza os SNs em que eles ocorrem, considerarei agora a questão do **valor de modificação** associado aos demonstrativos, em particular aos dêicticos (em que, como inicialmente referi, me concentro). A ideia central é que este subtipo de demonstrativos, enquanto modificadores, está associado a uma propriedade restritiva, que é, no caso, precisamente a de localização relativa aos interlocutores numa dada situação de enunciação (valor dêictico)⁴. Assim, por exemplo, a expressão *este* (e suas variantes morfológicas) está tipicamente associada à propriedade de estar relativamente próximo do sujeito de enunciação, enquanto a expressão *aquele* se associa geralmente à propriedade de estar relativamente mais longe do mesmo sujeito. A estrutura nominal que contém estes demonstrativos denota, como qualquer estrutura modificada, um subconjunto do conjunto denotado pela estrutura nominal sem aplicação do modificador. Esse subconjunto integra apenas as entidades do sobreconjunto que têm a propriedade de se localizar relativamente aos interlocutores da forma relevante. Assim, expressões como *este livro* ou *estes livros* (ignorado o operador de quantificação nulo) denotarão um subconjunto (no primeiro caso, singular) dos livros do universo de discurso, designadamente aqueles que têm a propriedade de estar relativamente próximo do sujeito de enunciação⁵.

⁴ O valor dêictico resulta, pois, de uma relação entre expressões linguísticas e o contexto extralinguístico. Cf., por exemplo, Nunberg (1993: 2): “Indexicals are generally defined as expressions whose interpretation requires the identification of some element of the utterance context, as stipulated by their lexical meanings.”, ou Kaplan (1989: 490, *apud* Nunberg, *op.cit.*: 2): “(...) the referent [of indexicals] is dependent on the context of use and (...) the meaning of the word provides a rule which determines the referent in terms of certain aspects of the context”.

⁵ No caso dos demonstrativos anafóricos, podemos relacionar a propriedade restritora igualmente com uma noção de proximidade, mas que será neste caso uma “proximidade discursiva” e não já relativa a elementos do contexto

Como veremos em seguida, existem construções sintáticas – algumas das quais correspondentes a paráfrases de estruturas com demonstrativos dêicticos – que favorecem a tese de que os demonstrativos são operadores de modificação.

ARGUMENTOS A FAVOR DA TESE DE QUE OS DEMONSTRATIVOS SÃO OPERADORES DE MODIFICAÇÃO NOMINAL

I — É geralmente possível parafrasear uma estrutura com um demonstrativo dêictico através de outra estrutura em que coocorrem um quantificador definido e um modificador relativo cujo conteúdo remete para a localização – relativa aos intervenientes no acto de enunciação – associada ao dêictico (cf., sobre esta propriedade, Oliveira, 1988, 16-17).

(18) Este livro é interessante.

(19) O livro que eu tenho na mão é interessante.

Note-se que, ao parafrasear-se a frase (18) em discurso indirecto, a substituição da estrutura com demonstrativo por uma estrutura do tipo da de (19) – com artigo definido e relativa – corresponde à paráfrase mais natural.

(20) O Paulo disse que o livro que tinha na mão era interessante.

II — A resposta a interrogativas de instanciação em que se usa o pronome com função de modificador *que* (ou *qual*) pode ser quer um artigo e um modificador quer um demonstrativo – podendo, em qualquer dos casos, o núcleo nominal estar subentendido ou expresso (sobre esta propriedade dos demonstrativos, cf. Oliveira, 1988, 17; recorde-se ainda a análise de Peres (1987b, 336) dos exemplos citados em (1) e (2)).

(21) P: Que livro (é que a Ana trouxe)?

R: Este.

R: O grande.

R: O que está em cima da mesa.

III — Os demonstrativos dêicticos podem ser usados em estruturas de contraste com expressões como *os outros* ou *os restantes*, o que evidencia o seu papel de restritor da denotação da estrutura nominal à qual se aplica. Nestes casos, há claramente uma bipartição do conjunto relevante, sendo uma das duas partes identificável pela propriedade associada ao demonstrativo.

(22) Este livro é interessante; os outros (livros) são maçadores.

(23) De entre os vários livros, só estes interessam; os restantes são dispensáveis.

É também evidente o papel dos demonstrativos como elementos que permitem fazer partições, em sequências do tipo das que se seguem:

situacional (cf. Peres 1992: 10: "(...) verifica-se que tanto as expressões dêicticas como as anafóricas constituem um subsistema que tem como factor de variação a *distância - na situação*, relativa aos interlocutores, *ou no discurso*." – itálico meu). Veja-se o seguinte exemplo, onde o contraste *estes/aqueles* torna evidente a relevância do factor "distância no enunciado":

(i) O Paulo leu os livros A e B; a Ana (leu) os livros C e D.

Estes (livros) parecem-me mais interessantes que aqueles (livros).

- (24) a. Vemos ali um bando de pássaros. Este a caçar um insecto, aquele a olhar intrigado em redor, o outro divertido a construir o ninho...
 b. Vemos ali um bando de pássaros. Estes a caçarem insectos, aqueles a olharem intrigados em redor, os outros divertidos a construírem os seus ninhos...⁶

2.3. Demonstrativos e o pronome relativo *cujo*

No que respeita à análise dos demonstrativos como modificadores, é interessante ainda fazer a sua comparação com outra expressão do português que tem algumas propriedades em comum com eles: o operador relativo (variável) *cujo*.

Como se sabe, este operador relativo funciona como complemento ou como modificador nominal e integra estruturas em que existe quantificação universal definida sem que, à semelhança do que acontece com os demonstrativos, existam ou possam existir formas expressas de artigos definidos. Veja-se:

- (25) Os livros do Paulo estão a ser encadernados.
 (26) O Paulo é o rapaz cujos livros estão a ser encadernados.
 (27) *O Paulo é o rapaz cujos os livros estão a ser encadernados.

O SN sublinhado em (26) tem, sem a presença do artigo definido, o mesmo valor de quantificação – quantificação universal definida – que o sublinhado em (25). A explicitação do artigo nesta construção geraria, aliás, agramaticalidade, como se observa em (27).

Os exemplos seguintes ilustram, por outro lado, a incompatibilidade – paralela mais uma vez à que se verifica com os demonstrativos – do operador relativo *cujo* com SNs em que não há quantificação definida.

- (28) Alguns livros do Paulo estão a ser encadernados.
 (29) *O Paulo é o rapaz cujos livros estão a ser encadernados.⁷
 (30) *O Paulo é o rapaz cujos alguns livros estão a ser encadernados.

Outra propriedade que o operador relativo em análise tem em comum com os demonstrativos é a possibilidade de coocorrer com expressões de quantificação que na sua ausência seriam precedidas da expressão *os*. Esta propriedade, que illustrei atrás para os demonstrativos, fica exemplificada para o operador relativo *cujo* nos segundos membros dos seguintes pares:

- (31) Os três filhos do Sr. Fonseca vivem no Brasil.
 (32) A pessoa cujos três filhos vivem no Brasil é o Sr. Fonseca.
 (33) O organizador da exposição queria reunir num só espaço os mais de mil quadros de Dali.

⁶ Estes exemplos foram inspirados numa sequência agramatical apresentada em Wolf (1982, 161), que pretendia ilustrar a impossibilidade de o demonstrativo "designar um objecto dum conjunto de objectos homogéneos": **Vemos ali um bando de pássaros. Este pássaro tem a asa ferida.*

⁷ Agramatical, para a interpretação pretendida, em que o SN sublinhado tem o mesmo valor de quantificação que o SN sublinhado na frase anterior.

- (34) O pintor cujos mais de mil quadros o organizador da exposição queria reunir num só espaço é Dali.
- (35) Os inúmeros amigos do Paulo decidiram organizar um baile de máscaras.
- (36) A pessoa cujos inúmeros amigos decidiram organizar um baile de máscaras é o Paulo.

Uma última propriedade que os dois tipos de expressões que estão a ser comparados têm em comum ficou já evidenciada nos exemplos dados. Trata-se do facto de ambos ocorrerem em posição pré-nominal, posição característica dos operadores de quantificação e não dos operadores de modificação. Há a salientar, no entanto, no que respeita a esta distribuição, que, ao contrário do que acontece com os demonstrativos, como vimos atrás, o operador *cujo* parece não poder ocorrer nunca em posição pós-nominal, o que constitui uma importante diferença de comportamento sintáctico.

No que respeita à comparação dos demonstrativos com o operador *cujo*, resta ainda verificar o facto interessante de estes dois tipos de expressões serem incompatíveis entre si.

- (37) Foram violadas estas cláusulas do contrato.
(valor dêictico; imagine-se uma situação em que o enunciador aponta para duas cláusulas de um contrato que estão escritas num quadro de uma sala de reuniões)
- (38) Foram violadas as cláusulas do contrato que estão escritas no quadro.
(paráfrase sem demonstrativo dêictico)

Os SNs sublinhados nas duas frases de cima, integram (i) um complemento genitivo (*do contrato*), susceptível de ser pronominalizado com o operador *cujo*, (ii) um modificador – o demonstrativo dêictico, na primeira frase, e a relativa de valor *grosso modo* equivalente, na segunda frase, e (iii) um valor de quantificação universal definida – associado ao demonstrativo, na primeira frase, e veiculado directamente pelo artigo definido (*as*), na segunda.

Comparemos agora estas estruturas com outras em que o complemento genitivo ocorre sob a forma de operador relativo (precedido de preposição nos casos em que o operador não é *cujo*):

- (39) *O contrato cujas estas cláusulas foram violadas é o contrato A.
- (40) a. OK/?O contrato de que/do qual foram violadas estas cláusulas é o contrato A.
b. [de que/do qual]_i foram violadas [SN estas cláusulas [v]_i]
- (41) OK /?O contrato cujas cláusulas que estão escritas no quadro foram violadas é o contrato A.⁸
- (42) OK/?O contrato {de que/do qual} foram violadas as cláusulas que estão escritas no quadro é o contrato A.

⁸ Note-se que nesta frase se pretende um sentido restritivo para a relativa, isto é, em que apenas algumas das cláusulas do contrato A estão escritas no quadro e em que apenas essas foram objecto de violação. Temos outro exemplo de uma estrutura com uma interpretação do mesmo tipo na segunda frase do par que se segue (porventura mais natural que o exemplo acima apresentado):

- (i) Conheço os tios da Ana que vivem no Brasil.
- (ii) OK/? A rapariga cujos tios que vivem no Brasil eu conheço é a Ana (não a Marta).

A agramaticalidade de (39) ilustra a incompatibilidade atrás referida entre demonstrativos e o operador relativo *cujo*. Se considerarmos que cada uma destas expressões dá origem à presença de um quantificador nulo, ou está de algum outro modo associada à expressão de um valor de quantificação universal definida, podemos explicar essa incompatibilidade como resultado de uma redundância na expressão do valor de quantificação, eventualmente correspondente, no plano sintáctico, a um duplo preenchimento da posição sintáctica associada à marcação desse valor. Em cada um dos dois exemplos seguintes – (40) e (41) – eliminou-se uma das expressões incompatíveis: o operador *cujo*, substituído por *de que/do qual*, em (40); o demonstrativo *estas*, substituído pelo modificador relativo *que estão escritas no quadro*, em (41). Estas alterações, ao eliminarem um dos elementos "indutores" do valor de quantificação definida, permitem eliminar a redundância existente na frase (39), acima referida. Assim, os SNs sublinhados nestas frases são bem formados, pese alguma estranheza, decorrente da complexidade da estrutura. Em (42), por fim, eliminou-se tanto o demonstrativo como o operador *cujo*, pelo que a frase nos surge com o artigo definido expresso.

Note-se ainda, a propósito da combinação com o operador *cujo*, a analogia de comportamento do demonstrativo anafórico.

- (43) As cláusulas do contrato A que foram discutidas na reunião de accionistas foram as respeitantes ao prazo de amortização e à alteração das taxas de juro.
- (44) *O contrato cujas estas cláusulas todos tinham aceite tem uma importância vital para a empresa.
- (45) OK/?O contrato {de que/do qual} todos tinham aceite estas cláusulas tem uma importância vital para a empresa.
- (46) OK/?O contrato cujas cláusulas que foram discutidas na reunião todos tinham aceite tem uma importância vital para a empresa.
- (47) OK/?O contrato {de que/do qual} as cláusulas que foram discutidas na reunião todos tinham aceite tem uma importância vital para a empresa.

3. Demonstrativos como apostos

Passarei a analisar agora a ocorrência de demonstrativos dêicticos em construções – que correspondem geralmente a registos coloquiais ou informais – onde me parece que o seu valor não é restritivo, mas **explicativo**. Trata-se de construções em que a propriedade de os objectos se localizarem de determinada forma relativamente aos interlocutores da situação de enunciação (valor dêictico) não é usada para distinguir um subconjunto de um conjunto maior (isto é, não modifica); é antes predicada sobre as entidades que formam um dado conjunto (refiro-me obviamente ao conjunto denotado pela expressão nominal não quantificada que integra o SN onde está o demonstrativo).

Vejamos alguns exemplos, agrupados em dois tipos de contextos.

I — demonstrativos dêicticos combinados com nomes próprios

- (48) Esta Lisboa está cada vez mais barulhenta!
- (49) Esta Matemática é diabólica!
- (50) Este Paulo é um rapaz muito inteligente!

II — demonstrativos dêicticos combinados com nomes situacionais

(51) Esta destruição das florestas tropicais tem de acabar!

(52) Por esta vitória do Partido Trabalhista é que ninguém esperava!

Verifica-se que podemos parafrasear estes exemplos através de frases em que o demonstrativo dêictico é substituído por um artigo definido e uma oração relativa explicativa (não uma oração restritiva) cujo conteúdo remete para a localização relevante relativamente aos interlocutores da frase.

(53) Lisboa, onde nos encontramos agora, está cada vez mais barulhenta!

(54) A Matemática, que estou agora a tentar estudar, é diabólica!

(55) O Paulo, que está aqui ao pé de nós, é um rapaz muito inteligente!

(56) A destruição das florestas tropicais, a que estamos a assistir, tem de acabar!

(57) Pela vitória do Partido Trabalhista, que acabou de ocorrer, é que ninguém esperava!

Estas relativas, como apostos que são, podem ser suprimidas, com perda de informação (no caso, de tipo dêictico), mas sem alteração dos objectos de predicação. Assim, as frases que se seguem são equivalentes às dadas anteriormente, embora menos informativas.

(58) Lisboa está cada vez mais barulhenta!

(59) A Matemática é diabólica!

(60) O Paulo é um rapaz muito inteligente!

(61) A destruição das florestas tropicais tem de acabar!

(62) Pela vitória do Partido Trabalhista é que ninguém esperava!

Importa salientar que, nos exemplos apresentados, se pretende obviamente uma interpretação das estruturas nominais relevantes como denotadoras de conjuntos singulares, não uma interpretação também possível, embora porventura mais marcada, em que isso não acontece necessariamente. Veja-se um exemplo:

(69) Este Paulo é um rapaz muito inteligente mas aquele (Paulo) ainda é mais.

Contextualizou-se aqui a frase (50) – *este Paulo é um rapaz muito inteligente!* – por forma a evidenciar a presença de dois indivíduos de nome Paulo no contexto e a obter assim uma interpretação restritiva. Note-se, no entanto, que a frase (50) é perfeitamente adequada a um contexto em que existe apenas um indivíduo com o nome em causa, caso em que a interpretação é necessariamente não restritiva.

Para as outras frases, podemos igualmente tentar explicitar informações que evidenciem a interpretação restritiva. Vejamos apenas mais dois exemplos:

(70) Esta Lisboa – Rossio, Avenida da Liberdade, Marquês de Pombal, ... – está cada vez mais barulhenta. Gostava de comprar uma casa na zona do Restelo, que é muito mais sossegada.

(71) Por esta vitória do Partido Trabalhista é que ninguém esperava! Já a que eles obtiveram há dez anos não constituiu surpresa para ninguém.

Refira-se, porém, mais uma vez, que as frases originais – (48), *esta Lisboa está cada vez mais barulhenta!*, e (52), *por esta vitória do Partido Trabalhista é que ninguém esperava!* –

são perfeitamente adequadas a situações em que não se contrastam diferentes áreas de Lisboa ou diferentes vitórias do Partido Trabalhista, respectivamente. Uma frase como (52), por exemplo, pode ser enunciada mesmo num contexto em que o Partido Trabalhista nunca venceu eleições, caso em que a interpretação restritiva é obviamente impossível.

Ainda a propósito da utilização de demonstrativos dêicticos com valor explicativo, importa considerar certos contextos em que os demonstrativos coocorrem com orações relativas. Observem-se os dois grupos de exemplos seguintes:

- (72) O livro que eu tenho na mão tem mais de mil páginas.
- (73) Este livro tem mais de mil páginas.
- (74) Este livro que eu tenho na mão tem mais de mil páginas.
- (75) O quadro que ali está vale centenas de contos.
- (76) Aquele quadro vale centenas de contos.
- (77) Aquele quadro que ali está vale centenas de contos.

Os terceiros membros dos dois conjuntos dados acima integram SNs com um demonstrativo e uma oração relativa que parecem cumprir a mesma função de modificação, pelo que são equivalentes às duas frases anteriores do respectivo grupo, nas quais está presente apenas um dos elementos de modificação – demonstrativo dêictico ou oração relativa (restritiva). Trata-se, neste caso, de uma redundância inócua e meramente enfática⁹. Na realidade, em termos de interpretação semântica, só um operador de modificação é actuante. Assim, poderíamos analisar a relativa dos exemplos em causa como explicativa, sendo de salientar a opcionalidade das vírgulas.

- (78) Este livro, que eu tenho na mão, tem mais de mil páginas.
- (79) Aquele quadro, que ali está, vale centenas de contos.

Alternativamente, poderíamos considerar que, à semelhança do que acontece nos exemplos atrás referidos, é o demonstrativo que tem valor explicativo, sendo a relativa o modificador (facto que justificaria, aliás, a ausência de vírgulas). Estaríamos assim perante um terceiro tipo de contexto em que os demonstrativos dêicticos não têm valor de modificação.

Este contexto pode eventualmente ser alargado a construções em que a oração relativa não remete para uma localização relativa aos interlocutores (isto é, um valor dêictico). Imaginemos uma situação em que um indivíduo de nome Luís pinta um quadro, que é o único quadro presente no contexto de enunciação. Seriam adequadas nessa situação frases como as seguintes (a primeira das quais com um dêictico):

- (80) Este quadro, que o Luís pintou, é muito interessante.
- (81) O quadro que o Luís pintou é muito interessante.

Em (80), o demonstrativo restringe a denotação do nome *quadro* ao subconjunto singular constituído pelo único quadro presente no contexto e a relativa predica sobre ele. Em (81), em que não existe demonstrativo, a função restritiva é cumprida pela oração relativa. Vejamos

⁹ Trata-se de construções que ocorrem frequentemente em discurso coloquial oral, embora não ocorram em registos formais. Em Oliveira (1988, 17), são referidos exemplos deste tipo, considerados algo marginais (a autora apresenta, por exemplo, a frase "este rapaz que está aqui" como exemplo de que "os demonstrativos não aceitam facilmente um suplemento dicitivo").

agora a frase seguinte, idêntica a (80), mas em que se suprimiram as vírgulas que isolam a oração relativa.

(82) Este quadro que o Luís pintou é muito interessante.

Se aceitarmos que esta frase, com a pontuação dada, é adequada à situação acima descrita, estaremos em situação análoga à das frases (74) e (77), dadas acima, isto é, tanto o demonstrativo como a relativa restringem o conjunto denotado pelo nome *quadro* a um conjunto singular, pelo que um dos elementos é na realidade inoperante como restritor, assumindo um valor de tipo explicativo.

Convém, entretanto, acentuar novamente que, nestes casos, só o contexto permite determinar o tipo de interpretação pretendida. Compare-se por exemplo a frase anterior com a que se segue, em que o demonstrativo e a relativa funcionam como modificadores autónomos:

(83) Este quadro que o Luís pintou é muito interessante, mas aquele (quadro que o Luís pintou) é horrível.

Neste exemplo, a operação de modificação efectuada pelo demonstrativo afecta uma expressão já modificada (pela relativa), o que evidencia a compatibilidade da modificação por dêicticos com estruturas sucessivamente modificadas por aplicação recursiva de operadores de modificação. Outros exemplos de modificação por demonstrativos dêicticos de estruturas já modificadas é o que temos nos exemplos seguintes, agora sem orações relativas:

(84) Estes tecidos azuis têm um tom suave e discreto; aqueles (tecidos azuis) são mais berrantes.

(85) Acho estes quadros de Picasso fascinantes, mas confesso ter alguma dificuldade em apreciar aqueles (quadros de Picasso).

Registarei, por último, uma particularidade do uso dos demonstrativos dêicticos como apostos (uso esse que ocorre essencialmente, como referi inicialmente, em registos não formais). Trata-se agora da possibilidade de estas expressões ocorrerem em frases genéricas, o que constitui uma excepção à regularidade notada em Wolf (1982,161): "O demonstrativo, servindo de identificador, não pode generalizar e por isso não se usa nas orações genéricas.". Os exemplos são os seguintes:

(86) Esta Humanidade está perdida!

(87) Este ser humano não tem coração!

(88) Estes golfinhos são (uns animais) muito inteligentes!

(enunciado, por exemplo, por alguém que assiste a um documentário sobre a vida dos golfinhos e que com a expressão *estes golfinhos* pretende designar a espécie)

4. Breve conclusão

Procurei mostrar neste texto que os demonstrativos têm, na arquitectura semântica do Sintagma Nominal, um lugar paralelo ao das outras categorias que funcionam quer como modificadores quer como apostos, a saber: SAs, SPs e Fs (relativas). A particularidade dos demonstrativos reside no tipo de propriedade que veiculam (com efeitos restritivos ou meramente explicativos): a de uma localização relativa aos interlocutores da situação de

enunciação, no caso dos demonstrativos dêicticos, ou relativa a posições no discurso, no caso dos demonstrativos anafóricos. A especial importância da referência a este tipo de propriedades nos discursos reflecte-se na lexicalização destas expressões em categoria autónoma, portanto, com propriedades sintácticas/distribucionais particulares, como pudemos verificar.

Referências

- KAPLAN, D.: 1989, "Demonstratives", in J. Almog, J. Perry e H. Wettstein (eds.), *Themes from Kaplan*, Oxford University Press, Oxford.
- NUNBERG, G.: 1993, "Indexicality and Deixis", in *Linguistics and Philosophy*, 16-1, pp. 1-43.
- OLIVEIRA, M. F.: 1988, *Relações anafóricas: algumas questões*, Prova Complementar de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- PERES, J.: 1987a, *Para uma semântica formal da quantificação nominal não-massiva*, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- PERES, J.: 1987b, "Estrutura e Interpretação das Construções Relativas", in 3^o. *Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. Actas*, APL, Lisboa.
- PERES, J.: 1992, "Questões de Semântica Nominal", *Cadernos de Semântica*, 1, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- WOLF, E.: 1982, "O Demonstrativo no Texto", *Boletim de Filologia*, XXVII, 1-4, Instituto Nacional de Investigação Científica – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Lisboa, pp. 155-176.